



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS /
GEOGRAFIA**

ELIZAMAR SALES DA SOLIDADE

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: diálogos com
professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA**

Grajaú – MA
2023

ELIZAMAR SALES DA SOLIDADE

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: diálogos com
professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

Grajaú – MA
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SALES DA SOLIDADE, ELIZAMAR.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLENCIA NA ESCOLA :
DIÁLOGOS COM PROFESSORES E ALUNOS EM UMA ESCOLA DE GRAJAÚ
MA / ELIZAMAR SALES DA SOLIDADE. - 2023.
47 p.

Orientador(a): MÔNICA RIBEIRO MORAES DE ALMEIDA.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, IMPERATRIZ
VIA ONLINE, 2023.

1. ALUNOS | PROFESSORES. 2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.
3. VIOLENCIA ESCOLAR. I. RIBEIRO MORAES DE ALMEIDA,
MÔNICA. II. Título.

ELIZAMAR SALES DA SOLIDADE

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: diálogos com
professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA**

Aprovada em: 17__/03__/2023_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

(Orientadora)

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha

(Examinador 1)

Prof. Dr. Marcos Nicolau Gomes da Silva

(Examinador 2)

Grajaú – MA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela oportunidade, força de vontade e coragem para superar todos os desafios e por concluir todo este trabalho.

À minha família que sempre estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da vida.

Aos meus tios, Francisco Sales e Cleonilce, pelos incentivos e dedicação que sempre tiveram por mim e torciam pela minha formação.

A todos os que participaram da pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.

À minha prezada e querida orientadora Professora Dra. Monica Ribeiro Moraes de Almeida, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, compreensão e incentivos.

“A violência nas escolas se constitui como uma violação aos direitos humanos. Sendo assim, a defesa, proteção e promoção da educação em direitos humanos exige que as escolas e as demais instituições públicas assumam um compromisso permanente com o fortalecimento de uma cultura de direitos humanos” (ASSIS, 2010, p. 37).

RESUMO

A violência nas escolas é um problema recorrente e crescente no cenário educacional brasileiro e é reflexo da falência do sistema, da falta de investimentos governamental, das condições precárias de trabalho como falta de professores na rede pública, da pouca presença de psicopedagogo e pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, assim como também se constitui como um problema estrutural e social, resultado da própria história da humanidade, sendo a violência em si um problema historicamente inerente ao homem. Desse modo, o presente trabalho possui como objetivo identificar as Representações Sociais da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú, Maranhão. Como metodologia, utilizou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, realizada em uma escola estadual do ensino médio, localizada no município de Grajaú – MA, tendo o questionário como instrumento de coleta de dados. Com base nas informações obtidas e na discussão estabelecida ao longo do texto sobre a teoria das Representações Sociais de Sérgio Moscovici, constatou-se uma predominância da violência verbal nas escolas, tanto em situações de violência entre os alunos, quanto entre alunos e professores. Além disso, observou-se também, a partir da coleta de dados, uma compreensão majoritária de que uma das razões pelas quais essa violência escolar existe é o fato de a escola ser o espaço onde as diferenças se encontram, pela percepção, principalmente dos estudantes entrevistados, de que cada um tem uma criação diferente, onde uns sabem dialogar e outros não, e de que apesar de ser bom ter a convivência com diferentes tipos de pessoas, podem ocorrer discordâncias, levando assim à ocorrência de violência na escola, tanto verbal, quanto física.

Palavras-chave: Representações Sociais. Violência escolar. Alunos. Professores.

ABSTRACT

Violence in schools is a recurring and growing problem in the Brazilian educational scenario and is a reflection of the failure of the system, the lack of government investment, precarious working conditions such as a lack of teachers in the public network, the low presence of educational psychologists and little participation of students. parents in their children's school life, as well as constituting a structural and cultural problem, a result of the history of humanity itself, with violence itself a problem historically inherent to man. Thus, the present work aims to identify and systematize the Social Representations of violence in a high school in the municipality of Grajaú, Maranhão. As a methodology, bibliographic research and field research were used, carried out in a state high school, located in the municipality of Grajaú - MA, with the questionnaire as a data collection instrument. Based on the information obtained and the discussion established throughout the text, a predominance of verbal violence was found in schools, both in situations of violence between students and between students and teachers. In addition, it was also observed, from the data collection, a majority understanding that one of the reasons why this school violence exists is the fact that the school is the space where the differences are found, by the perception, mainly of the students. interviewees, that each one has a different upbringing, where some know how to dialogue and others do not, and that although it is good to live with different types of people, disagreements can occur, thus leading to the occurrence of violence at school, both verbal and physical.

Keywords: Social Representations. School violence. Students. Teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 Procedimentos de coleta de dados	12
2.2 Pesquisa de campo.....	12
3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR	12
4 ELEMENTOS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI	21
5 PROBLEMATIZAÇÃO DOS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	27
6 DIÁLOGOS COM PROFESSORES E ALUNOS EM UMA ESCOLA DE GRAJAÚ – MARANHÃO	31
7 CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de pesquisa decorre da minha vivência, na época de aluna do ensino médio, com um dos principais problemas recorrentes nas escolas, e, que na verdade é um reflexo da sociedade. O problema referido é a violência. Violência entre os alunos, violência dos alunos contra os professores e funcionários da escola, de fato, há um aumento em nossos dias da violência no espaço escolar, que a nosso ver precisa ser investigado (EYNG; GISI; ENS, 2009).

O estudo acerca das Representações Sociais da violência escolar coopera para um maior entendimento e clareza do fenômeno no modo a amparar a elaboração e implementação de políticas e práticas educacionais que firmem uma educação de qualidade na garantia dos direitos do adolescente, tendo como principal base teórica as contribuições de Serge Moscovici.

Diante disso, o presente estudo possui como objetivo geral identificar as Representações Sociais da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú, Maranhão.

Como objetivos específicos, pretende-se problematizar os impactos da violência no cotidiano das escolas; estudar as principais causas da violência no âmbito das escolas, que se constituem como uma ameaça diária a integridade física, psíquica, e da dignidade do indivíduo neste ambiente; e, por fim, analisar, a partir de diálogos com professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA, suas representações sobre a violência no contexto escolar.

Quanto à importância do presente estudo, reitera-se que o mesmo contribui tanto socialmente quanto academicamente, tendo em vista que o que se percebe atualmente é uma violência que se manifesta na vida cotidiana, como uma ameaça diária a integridade física, psíquica, e da dignidade do indivíduo, sendo que as variadas manifestações das violências no âmbito educacional vêm comprometendo cada vez mais a qualidade educativa no contexto da escola pública brasileira.

Ao investigar as representações sociais da violência nas escolas, a pesquisa promove um conhecimento científico de como esse fenômeno da violência, pode modificar o cotidiano escolar no que concerne à prática pedagógica, bem como as relações e ações na tentativa de conviver ou resolver esse problema crescente nas escolas. Sendo a escola um ambiente de relações sociais voltados à aprendizagem e

ao desenvolvimento cultura dos discentes, as realidades de vida dos alunos sempre são representadas em suas condutas no ambiente pedagógico escolar.

De modo que, a questão da violência dentro do ambiente escolar se representa como um reflexo da formação coletiva dos alunos em suas influências familiar e social. Mas, que é na escola que deve ser estimulado o processo de aprendizagem e formação como medida de melhoramento social e ideológico dos discentes que estudam (MACIEL, 2015).

Ante o exposto, este trabalho está organizado da seguinte forma: após a metodologia, o primeiro capítulo de texto aborda o conceito das Representações Sociais no contexto escolar, problematizando os impactos da violência no cotidiano das escolas, especialmente nas instituições de ensino público. O segundo capítulo trata dos elementos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e como esses elementos causam a violência no âmbito das escolas, que se constituem como uma ameaça diária a integridade física, psíquica, e da dignidade dos alunos.

O terceiro capítulo de texto problematiza os impactos da violência nas escolas e analisa como as escolas lidam com a violência no domínio de seus espaços. E o quarto capítulo apresenta uma discussão a partir de diálogos com professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA.

Por fim, é apresentada a conclusão deste estudo, descrevendo de modo sucinto, as considerações finais e os resultados obtidos neste trabalho. Ressaltando que a análise aqui feita do tema em questão não está fechada, podendo apontar para futuros estudos, onde a intenção aqui não é esgotar a temática proposta, mas provocar reflexões futuras a este respeito e formular novas questões, possíveis discussões e diálogos tanto no meio social, como no meio acadêmico.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e alunos de uma escola no município de Grajaú, Maranhão. Foram entrevistados cento e oitenta (180) pessoas, sendo dez (10) professores e cento e setenta (170) alunos, somando os turnos matutino e vespertino.

Dentre os questionários, apenas 30% (51) tiveram todas as respostas respondidos, assim sendo, os outros 70% (119) foram excluídos da análise desse

artigo. Dessa forma, manteve-se os 10 (19%) questionários dos professores e 41 (81%) questionários dos alunos.

Para fins de análise, dentre os questionários dos professores, 2 foram selecionados para descrição e 5 foram os selecionados dos alunos, uma vez que estes representam o teor das informações obtidas nos outros questionários.

A metodologia qualitativa é considerada mais adequada para pesquisas cujos objetivos visam ao estudo de aspectos subjetivos de fenômenos psicossociais tais como o fenômeno das Representações Sociais.

Segundo Minayo (2003) e Turato (2011), a escolha da metodologia é sempre direcionada pelos objetivos da pesquisa. Quando esses objetivos se vinculam aos sentidos e significados, como no caso da proposta dessa pesquisa sobre as Representações Sociais da violência na escola, a abordagem qualitativa é a mais indicada e nos remete à compreensão em profundidade do fenômeno estudado, que ocorre pela observação e escuta dos participantes da pesquisa.

Colaborando com essa discussão, Flick (2004) relaciona o campo de aplicação da metodologia qualitativa ao desejo de o pesquisador saber a respeito de uma experiência subjetiva sobre uma doença mental ou mesmo um fenômeno de grupo, como no caso das Representações Sociais. O pesquisador deverá utilizar instrumentos de coleta adequados aos seus objetivos e, posteriormente, analisá-los detalhadamente (FLICK, 2004).

A pesquisa também compreende revisão bibliográfica, que é desenvolvida a partir do que já foi elaborado sobre o assunto, como livros e artigos científicos, tendo por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito. Sobre a importância da pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002) destaca que ela é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já discutidas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, desse modo, é a base para a efetivação de qualquer estudo que tenha caráter científico.

Assim têm-se como um norte nessa pesquisa, entrevistas semiestruturadas, pensa-se serem essas formas adequadas, para se conseguir os dados para a abordagem qualitativa. Acrescentamos que, na pesquisa qualitativa, o interesse maior está em relação ao processo, ao dinamismo e às mudanças ocorridas relativas ao fenômeno e não apenas com relação ao produto, muitas vezes apresentado em dados numéricos, que não contemplam a especificidade e os significados dos resultados encontrados (Turato 2011).

Segundo Minayo (2003), a metodologia qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois o trabalho do pesquisador aponta para um universo subjetivo de crenças, motivações, ideias, aspirações, valores e atitudes

2.1 Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual do ensino médio, localizada no município de Grajaú – MA, onde foi realizada uma coleta dos dados por meio de pesquisa de campo junto aos professores e alunos das turmas da 3º ano do ensino médio, sobre seu entendimento acerca das Representações Sociais e da violência escolar.

Esses dados foram coletados através de aplicação de questionário (modelo em anexo) aos professores e alunos, com perguntas abertas e fechadas, os quais foram interpretados, comparados e analisados de forma qualitativa para realizar essa identificação e sistematização das Representações Sociais da violência nesse ambiente, considerando que as mesmas comportam dimensões históricas e sociais que se manifestam na tomada de decisão e nas ações no cotidiano escolar.

2.2 Pesquisa de campo

Desse modo, o presente estudo conta com a realização de pesquisa de campo, realizada em uma escola estadual do ensino médio, localizada no município de Grajaú – MA.

A escolha desse local para análise da pesquisa de campo em questão é em razão da autora residir nessa cidade e conhecer de perto a realidade escolar, pois como se trata de uma pesquisa de campo de caráter exploratório, a “coleta de informações exploratórias pode ser realizada através de entrevistas, de observações ou de busca de informações/dados em bancos de dados secundários, documentos, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 50).

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

A manifestação da violência no âmbito escolar aparenta ser associada a história da humanidade, no quesito em que há relatos de lutas pela sobrevivência, e pelo domínio territorial, pela posse de bens materiais, pelo poder, pelo status, pela crença religiosa, pela ideologia ou até mesmo por razão visível alguma (MACIEL, 2015).

Dessa forma cabe dizer que as violências presentes nas escolas referem-se a um fenômeno complexo que está despertando cada vez mais a atenção dos educadores e da sociedade como um todo e requer um cuidado especial das instituições responsáveis pela elaboração e implementação das políticas públicas, em especial as da educação, pois pauta-se na “percepção de um conjunto de representações, ações e sentimentos contraditórios que se fazem presentes no espaço escolar sobre o fenômeno da violência” (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 469).

Entendemos a relevância do estudo compreendendo que sendo a escola um dos principais espaços de convivência social, ela assume diferentes significados, pois ao mesmo tempo em que é um espaço para crescimento intelectual é também um lugar onde diferentes grupos têm de conviver cotidianamente com regras e normas. Por isso, além de um espaço de aprendizagem formal a escola é um local privilegiado para socialização e construção de identidades que potencializa o desenvolvimento da autonomia para a busca de emancipação (MACIEL, 2015, p. 14).

Desse modo, historicamente, sabe-se que as Representações Sociais começaram a fazer parte de estudos a partir dos anos 1980 depois de uma modificação nas relações sociais, decorrentes da sociedade industrializada assim como das ideias democráticas. Seguindo essa linha de pensamento, entende-se que a mesma está ligada ao conjunto de ideias ou pensamento referente a um determinado dado (ANDRADE, 2008).

Tratando-se sobre violência escolar, esta começou a se desenvolver a partir dos anos 1960 e sendo assim a mesmo passou a fazer parte dos diálogos cotidiano dos indivíduos, ao mesmo tempo em que surgia um novo modelo de sociedade denominada industrializada, uma vez que esse novo modelo de sociedade dava início a uma nova forma de convivência familiar, uma vez que os jovens começaram a se relacionar por mais tempo com outros jovens e essas convivências foram responsáveis por alterar seus valores que dessa forma iam de desencontro geralmente com os princípios ensinados pela família e pela escola (BORBA; RUSSO, 2012; ANDRADE, 2008; EYNG; GISI; ENS, 2009; ASSIS, 2010).

Com isso, de acordo com dados históricos, entende-se que os movimentos que impulsionaram ao entendimento sobre esse fenômeno da violência no âmbito escolar brasileiro, teve início em 1980, pois a sociedade passou a relacionar segurança com qualidade de vida e esta se tornou assunto público, pois nesse período surgia a grande preocupação sobre os atos violentos que para essa determinada época significava ataque aos prédios de ensino, depredação de patrimônios públicos (BORBA; RUSSO, 2012; ANDRADE, 2008; EYNG; GISI; ENS, 2009; OLIVEIRA, 2002; ASSIS, 2010).

Contudo, percebe-se que ao longo do tempo, a escola foi se transformando e passou a ser também um lugar cheio de contradições:

A escola deve, pois, ser um espaço de interação social e não um campo de ataque. Há que se compreender a diversidade, planejar novas formas de atuação, envolver e motivar todos os que dela fazem parte. É preciso buscar a superação das dificuldades e criar ambientes favoráveis ao desenvolvimento de todos os alunos. Conceitos como conscientização, possibilidade, ruptura de paradigmas, respeito e valorização das diferenças, solidariedade, cooperação, igualdade e equiparação de oportunidades são essenciais em uma escola que se propõe a formar alunos e alunas para o exercício da cidadania (BORBA; RUSSO, 2012, p. 27).

Então, seguindo essa linha de raciocínio, pode-se perceber que a violência escolar daquele período estava representada de um modo diferente do que acontece na atualidade, mas pode-se afirmar que as mobilizações, os movimentos sociais de reivindicação pela segurança por parte dos pais, alunos e professores e por todo o grupo que compõe as escolas tem início a partir desse contexto, em vista que a violência de modo geral começou a se disseminar na sociedade (OLIVEIRA, 2002).

Isto tem como base a democracia que prega como princípios básicos a liberdade e a igualdade para todos, sendo assim todas as classes agora teriam como direito ganhar seu espaço no ambiente escolar, pois a educação pública estava ao acesso de todos e esse elemento foi mais um dos que contribuía para uma mudança na sociedade, pois passava a maximizar a população urbana, o fluxo de migrações para a cidade estava em crescimento e essa nova população que se estabelecia a área urbana se instalava nas localidades menos privilegiada (BORBA; RUSSO, 2012).

Nesse sentido, surge a necessidade de se pensar na escola como um espaço social, onde os alunos devem se sentir seguros e acolhidos, onde podem exercer sua cidadania plenamente:

Como uma instituição social e um espaço de convivência que favorece o exercício da cidadania, a escola possui formas de organização, normas e procedimentos que não são apenas aspectos formais de sua estrutura, mas que se constituem como mecanismos que norteiam as formas de participação de todos os membros da comunidade escolar. Para os alunos, se torna um espaço de referência pessoal que marca seu desenvolvimento por estarem naquele ambiente e por vivenciarem determinadas atividades do cotidiano escolar, pois cada escola é única, com características sociais próprias que são fruto de sua organização, de sua história e das relações sociais ali estabelecidas (MACIEL, 2015, p. 22).

Considerando que as rendas salariais entravam em declínio e os valores da sociedade em decadência e assim as relações sociais resultaram em violência, desarmonia, dificuldade de relacionamento e de convivência de modo geral, pois a escola também foi afetada, sabendo que além de precisar se moldar as novas circunstâncias da realidade precisava enfrentar com as violências dentro da escola, sendo, pois, a instituição escolar um reflexo da sociedade (OLIVEIRA, 2002).

A escola cumpre o primeiro papel, o de autora da violência quando a mesma não usa de métodos direcionados para atender as necessidades de todos os alunos e assim deixando-os na margem dos excluídos, ou seja, ela não inclui, ela não vai ao encontro das necessidades dos alunos de modo a realizar de fato o processo de ensino aprendizagem (BORBA; RUSSO, 2012; ANDRADE, 2008; EYNG; GISI; ENS, 2009; OLIVEIRA, 2002; ASSIS, 2010).

Por outro lado, a escola sofre violência quando os indivíduos reproduzem dentro da escola os atos indisciplinados praticado na sociedade do lado de fora da instituição e, por último, quando chega ao conhecimento de toda a sociedade sobre as diversas formas de violências que são praticadas dentro da escola; seja através de depredação ao patrimônio público, violência verbal, violência física, violência simbólica entre alunos com alunos, com professores, supervisores e todos os demais que formam o corpo docente da escola, desse modo ela cumpre a função de palco da violência (EYNG; GISI; ENS, 2009; OLIVEIRA, 2002).

Diante disso, os casos de violências que ocorrem nos espaços da escola, são reflexos justamente dessa sociedade, que em si já é violenta:

As violências presentes nas escolas referem-se a um fenômeno complexo que vem despertando, cada vez mais, a atenção dos educadores e da sociedade como um todo e requer atenção especial das instituições responsáveis pela formulação e implementação das políticas públicas, em especial as educacionais. O que se observa, hoje, é uma violência que se apresenta na vida cotidiana, como uma ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana, sendo que as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo ainda mais a qualidade da

educação no contexto da escola pública brasileira (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 470).

Dessa forma, as representações sociais podem ser compreendidas de diferentes formas, mas, o convívio social e as conversações moldam a visão das pessoas, lhes provendo de sentidos crítico, de diferenças, de aceitação ou negação do certo ou errado frente à realidades e situações do cotidiano, inclusive no espaço escolar. Sendo assim, “as crianças e os adolescentes, em busca de sua identidade, reproduzem a violência que está solta por toda parte: na mídia, nas ruas, no trânsito, na família, na escola etc.” (OLIVEIRA, 2002, p. 2).

Por isso que se faz necessário pensar e refletir sobre as pessoas integradas a consensos ou para discordâncias em suas representações sociais das coisas que fazem parte de suas vidas, ou seja as relações entre os indivíduos é responsável para transformar o pensamento e a postura das pessoas; isto é tornar o homem mais crítico, questionador, autônomo e mais esclarecido (MACIEL, 2015; ANDRADE, 2008).

Nessa linha de pensamento, Minayo (2003) afirma que:

Representações sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamentos que expressam a realidade, exemplificam-na, justificando-a ou questionando-a. ela elabora que, “Enquanto material de estudo, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social”. Complementando que elas “se manifestam em palavras, sentimentos e condutas [...]” (MINAYO, 2003, p. 89).

Tendo como conceito da teoria das representações sociais um padrão comportamental aceito entre professores e alunos, quando a indisciplina, o falar alto dos alunos é aceito pelos educadores isso significa que a indisciplina comportamental se faz uma representação social na sala de aula (MAIA, 2001).

Até porque a manifestação da violência parece associada à história da espécie humana na qual se “encontra relatos de luta pela sobrevivência, pelo domínio de territórios, pela posse de bens materiais, pelo poder, pelo status, pela crença religiosa, pela ideologia, e, mesmo, por razão aparente nenhuma” (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 470).

Mas, por outro lado, o dogmatismo social que influencia o senso de certo e de errado nas mentes dos alunos não condizentes com as regras de comportamento

estipuladas pela direção de uma escola sempre gera atrito de conceito entre educadores e educandos à medida que o trabalho pedagógico requer condutas harmônicas para facilitar a comunicação e relacionamentos entre alunos e professores (ANDRADE, 2008; ASSIS, 2010).

Nesse sentido, entende-se porque as representações sociais influenciam no problema da violência, seja entre os alunos, violência dos alunos contra os professores e funcionários da escola, bem como o aumento em nossos dias da violência no espaço escolar:

Por toda a exposição anterior de sua função social podemos dizer que a escola é o espaço onde as diferenças se encontram. Diferenças de valores, educação familiar, religião e cultura, cuja diversidade faz da escola um local permanente de potenciais conflitos. A violência escolar parte do que há de comum na violência em outros contextos e fatores tais como, o local em que se situa, os personagens envolvidos, os tipos de atos violentos que são praticados e as consequências e reflexos destas ações. Para compreender esta relação buscamos um conjunto de significados, além da definição, mas que envolvem os papéis que os atores sociais desempenham na prática escolar e que engloba a relação entre a escola, família e sociedade (MACIEL, 2015, p. 23).

Percebe-se que teoricamente, a escola deveria ser um ambiente democrático que recebe todos os tipos de pessoas, independentemente de suas características de status econômico, formação cultural, preferência política ou formação religiosa, devendo ainda contribuir decisivamente para o estabelecimento de “práticas educativas que ensejem discussões, atitudes e a construção de posicionamentos refratários às violências simbólicas, às discriminações, aos preconceitos, à violação da dignidade humana” (ASSIS, 2010, p. 8).

Deste modo, os alunos com suas riquezas culturais influenciadas por suas relações sociais fora do ambiente escolar sempre desejam acreditar que sua concepção seja a certa, e, quando isso é contrariado pelo professor é comum haver atrito de relacionamento, mas somente se a formação profissional do líder da sala de aula não lhe computar habilidades psicológicas, ou seja, a instituição escolar é um ambiente que exerce diversas funções, bem como a troca de saberes, estabelece regras e normas de comportamentos e promove as relações sociais entre os indivíduos (BORBA; RUSSO, 2012; ANDRADE, 2008; EYNG; GISI; ENS, 2009; ASSIS, 2010).

Sendo assim, pode-se analisar que suas atribuições fazem com que ela se torne autora da discórdia e de atritos entre seus atores, uma vez que é formada

pela diversidade de valores, costumes e pensamentos diversificados que quando não há um consenso acaba por gerar desarmonia que resulta na violência geralmente quando os educadores não estão prontos e não sabem como apaziguar a situação, segundo Assis (2010).

Já considerando outro aspecto levantado por Maia (2001), é possível relacionar as representações sociais com a violência nas escolas sendo um reflexo do próprio comportamento humano, como por exemplo, a indisciplina:

Podemos apontar como importante para adotarmos a Teoria das Representações Sociais como referencial teórico para a pesquisa em educação, é que o próprio ato de representar um objeto é um ato propriamente humano e, como tal, interessa a psicologia como elemento que permite a explicação do comportamento humano. Nesse sentido, o problema de indisciplina em sala de aula, por parte do aluno, tão reclamado pelos professores como um elemento dificultador do processo ensino aprendizagem, pode ser compreendido a partir das representações que os professores e alunos têm do conceito de indisciplina, pois, tal teoria nos permitirá conhecer o senso comum dos professores e alunos sobre o conceito de indisciplina, acreditando que esse conhecimento interfere na ação dos sujeitos (MAIA, 2001, p.84).

Desse modo compreende-se que a questão da indisciplina é algo que interfere de modo negativo no processo de aprendizagem. Este é um elemento bastante relativo entre os educadores e educandos, pois enquanto para alguns uma determinada atitude pode ser vista como problema indisciplinar para outros não, o que representa na “violência na escola como um fenômeno estrutural da sociedade e que se expressa na escola” (MACIEL, 2015, p. 23).

Então de acordo com essa lógica percebe-se que se faz necessário buscar uma conceituação sobre indisciplina, em vista que no geral a mesma é considerada como desobediência, insubordinação e rebeldia, porém é preciso aprofundar sobre esses conceitos levando em consideração as ações cometidas pelos indivíduos e a partir daí definir determinado ato como sendo ou não indisciplinar (MAIA, 2001).

Trata-se, portanto, de um fenômeno à medida que as representações sociais sejam parte da vida coletiva das pessoas e, ao mesmo tempo em que molda as características social, éticas e educacionais das pessoas também reflete tudo isso. Pois, nas relações entre pessoas existem afetos, aprendizado mútuo e influência no senso de certo ou errado dando as características sociáveis de cada indivíduo.

O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona as

dimensões dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003, p. 20).

Na mente dos alunos quando as representações sociais são formadas estes vivem em constante processo de formação cultural nas relações sociais e, ao mesmo tempo, a afetividade tem sua cota de mérito nesse processo. Assim, a escola recebe alunos mais ou menos emotivos, mais ou menos racionais e, que tem em comum o desejo de aprender e aumentar sua formação social através do trabalho pedagógico do professor (EYNG; GISI; ENS, 2009; ASSIS, 2010; MAIA, 2001).

Em função disso, pode-se dizer que a formação de saberes sociais ocorre concomitantemente à construção da emoção, da afetividade e afeição, sendo que através disso ocorre uma grande transformação na vida dos indivíduos, pois a escola atua tanto como potencializadora do desenvolvimento humano quanto como na minimização da redução dos índices de pobreza e desigualdade, no combate à exclusão e também como responsável por motivação no processo de construção dos pensamentos crítico e de sujeitos autônomos que transformam a sociedade.

A violência escolar se expressa em várias modalidades: violência entre alunos, violência de aluno contra professor, da escola e do professor contra o aluno, entre os profissionais da educação, do sistema de ensino contra a escola e o professor, do funcionário contra o aluno, do aluno contra o patrimônio da escola (depredação) e outras. Já vimos algumas delas. Dentre as que mais afetam o cotidiano escolar, com ênfase especial na violência protagonizada pelos alunos. De acordo com diversas pesquisas, essa é considerada como a principal dentre todas as violências que se processam na escola, tanto pelos profissionais como pelos próprios estudantes (ASSIS, 2010, p. 79).

De acordo com a ideia do lado afetivo, quando alunos querem defender suas posições ideológicas de forma agressiva este passa a não se encaixar nos interesses da escola e, precisa ser remodelado para cumprir com seus deveres civis dentro da instituição de ensino de modo a não influenciar negativamente os demais alunos em termos de conduta indisciplinada contrária ao necessário para se obter o melhor proveito da educação formal que é conferida através dos professores (BORBA; RUSSO, 2012; MACIEL, 2015; GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003).

Requerendo-se, assim, um trabalho conjunto entre professores, direção da escola, psicopedagogo, psicólogo com trabalhos de terapia e, aulas de reforço

fomentando educação filosófica, sociológica e formação civil. Portanto, a escola além de ser um espaço reprodutor das condições sociais, ele transforma quando produzida no contexto escolar praticas que ultrapassam conceitos de homens e de mundo, na qual é de suma importância no que diz respeito à sensibilização do ser humano, fazendo com que este construa uma consciência crítica, possibilitando-os do acesso ao conhecimento cultural (ANDRADE, 2008; ASSIS, 2010; OLIVEIRA, 2002).

A partir do conhecimento aprendido na escola, “o aluno se constitui como um sujeito social, agente de transformação da sociedade” (TELES, 2013, p. 23), ou seja, o papel da escola, como agente do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem é de grande valia, pois ela transforma os indivíduos, fazendo-os sujeitos mais críticos, autônomos, uma vez que a educação é a porta para a transformação não da sociedade, mas do homem que depois de esclarecido transforma a sociedade (ASSIS, 2010).

Seguindo essa linha de pensamento e partindo para uma reflexão, percebe-se diante da importância da educação na vida da sociedade. No Brasil, apesar de a educação estar ao acesso de todos, os jovens ainda se deparam com um grande desafio que é permanecer na escola, assim como o rendimento escolar, a evasão dos alunos, a baixa qualidade da educação e o analfabetismo elevado são questões negativas, preocupantes e que faz- se necessário um olhar mais atento da escola.

Sendo assim, teoricamente, por meio da educação o indivíduo deveria ser capaz de distinguir quando é vítima da violência simbólica e conseguir tornar-se um ator social que fosse contra a sua legitimação, mas, devido à realidade socioeconômica presente, a escola configura-se como o principal agente educacional da sociedade pós-moderna. E infelizmente, ao invés do que se espera, ela não vem educando para formar cidadãos e sim para legitimar o poder simbólico da classe dominante (BORBA; RUSSO, 2012, p. 31).

Logo, percebe-se que as instituições de ensino, especialmente as de âmbito público, precisam levar ao mundo o tamanho da sua importância no processo de transformação do homem e da sociedade, pontuando as possibilidades de avanço no mercado de trabalho, uma vez que os melhores empregos somente são alcançados por meio daqueles que passam mais tempo estudando. Então, é importante frisar que todos os elementos citados acima estão ligados com a violência por parte da escola.

4 ELEMENTOS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SERGE MOSCOVICI

O presente capítulo tem como objetivo discutir sobre o conceito das representações sociais, abordando especialmente os elementos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, visto que é uma temática que repercute bastante na atualidade, mesmo não se tratando de um assunto novo, mas que por muito tempo não havia uma visibilidade significativa por parte da sociedade e atualmente esse destaque vem ganhando espaço na área científica, na mídia e nos diálogos cotidiano.

Por isso que a teoria das Representações Sociais é essencial para compreender o fenômeno da violência nas escolas. Como a teoria de Émile Durkheim, onde o Psicólogo francês Serge Moscovici desenvolveu sua teoria partindo da premissa de que estas representações têm dois pilares principais de sustentação, sendo: sujeito e sociedade como expressão do agrupamento de pessoas que se relacionam com diferentes interesses cognitivos e afetivos (MOSCOVICI, 2001).

Em função disso, é importante frisar que o que diferencia a teoria das representações coletiva de Durkheim das representações sociais de Moscovici é que para Émile Durkheim as representações coletivas são compartilhadas coletivamente por toda a classe geral, ou seja, ela não muda permanece estática, enquanto para Serge Moscovici a teoria das representações coletivas é compreendida de maneira mutável, em vista que o senso comum relacionado ao modo particular de cada ser, ou seja, cada indivíduo tem a sua percepção e ele ainda conclui que a coletividade não funciona (ALVES-MAZZOTI, 2000).

Desse modo, para Moscovici, as Representações Sociais funcionam da seguinte forma:

As representações que habitam a esfera do senso comum podem ser analisadas como ciência, pois tudo o que percebemos do mundo são respostas a estímulos do ambiente no qual vivemos. Sendo assim, as Representações Sociais são modalidades de conhecimento que circulam em nosso cotidiano. Por meio da interação com os outros, temos a necessidade de nomear e tornar concreto o que ainda não se tornou familiar (BERTONI; GALINKIN, 2017, p. 102).

Desse modo, para Moscovici, as Representações Sociais RS que tem como base o senso-comum; são pensamentos individuais nos quais são construídos

através dos diálogos cotidianos, nas conversações com a família, na escola, ou seja, por meio das trocas de ideias entre os indivíduos nas suas relações (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001; MOSCOVICI, 1978; ALVES-MAZZOTI, 2000).

O autor da teoria das representações sociais não despreza o senso-comum, antes argumenta que o mesmo não é contrário a visão do conhecimento científico, entretanto trata-se de um saber diferenciado, inocente, ingênuo tanto na sua formação quanto na sua forma concreta.

As Representações Sociais são modalidades de conhecimento particular que circulam no dia-a-dia e que têm como função a comunicação entre indivíduos, criando informações e nos familiarizando com o estranho. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e as nossas necessidades e desejos (MOSCOVICI, 2005, p. 30).

Em vista disso, observa-se que Moscovici (2005) enfatiza que o objeto que contribui para o estudo das representações sociais são os conhecimentos populares e o senso-comum enraizados na sociedade, sendo, pois, elementos dos quais o homem utiliza e constrói sua identidade, sendo que esse senso comum construído por meio das relações entre os sujeitos é o que determina e demonstra sobre os valores e atitudes de determinados grupos sociais (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001; MOSCOVICI, 1978; ALVES-MAZZOTI, 2000).

Sabendo que os pensamentos e ideias de senso comum de cada indivíduo e da coletividade não deixa de ser um elemento alvo de críticas, preconceitos e discórdias uma vez que, cada ser humano possui suas ideias particulares. O processo de ancoragem envolve, para Moscovici, “a integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente”, ou seja, “sua inserção orgânica em um repertório de crenças já constituído” (ALVES-MAZZOTI, 2000, p. 60).

Nesse sentido, é através da ancoragem tornamos familiar o conceito ou objeto representativo, ou seja, na visão do psicólogo Serge Moscovici (1978) a ancoragem está relacionada com o ato de transformar algo desconhecido, estranho e perturbador em um elemento familiar, isto é o processo de pegar qualquer objeto de determinada categoria e sem nome e colocá-lo em uma posição rotulando-o e dando-lhe significação, em função disso (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001; MOSCOVICI, 1978; ALVES-MAZZOTI, 2000).

Desse modo, o conceito de ancoragem está ligado a potencialidade de influência que as pessoas exercem entre si e a acomodação em aceitar o que seja aceito pelo senso comum, ou por alguma forma de carência que induz os indivíduos a aceitar diferentes formas de lideranças sem muito questionamento o que forma esta base da teoria das representações sociais do psicólogo Serge Moscovici (1978):

O primeiro teórico a falar em representações sociais como “representação coletiva” foi Émile Durkheim, designando a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo este autor, o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas não se reduziria à atividade cerebral, e ao pensamento social, não se resumiria à soma dos pensamentos individuais (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

O psicólogo Serge Moscovici foi buscar na sociologia Durkheimiana conceitos sobre a psicologia social em vista que Durkheim abordava sobre os conceitos das representações coletivas enfatizando a respeito da religião, dos mitos, sobre a ciência e assuntos ligados ao espaço e ao tempo, em suma, sobre os elementos peculiares da sociedade (ALVES-MAZZOTI, 2000; BERTONI; GALINKIN, 2017; MOSCOVICI, 1978).

As representações coletivas na perspectiva do sociólogo Émile Durkheim trata-se sobre fatores de uma grande cooperação, da mistura e associação de uma gama de ideias e sentimentos da coletividade que formam a cultura de uma sociedade; conjunto de ideias e pensamentos estes que após se transformar na cultura de um povo irá impor e coagir o comportamento individual dos indivíduos dando a entender que são características próprias, mas estes se resumem em reflexo dos ditames das representações coletivas, o que se observa também na escola:

As representações sociais comportam dimensões históricas, sociais e culturais, que se manifestam na tomada de decisão e nas ações no cotidiano escolar. Portanto, entender as representações dos múltiplos protagonistas do/no contexto escolar como dimensões da complexidade do contexto escolar, significa entender a escola, ela em si mesma, uma ação complexa. E, neste sentido, significa uma unidade complexa. Uma unidade complexa é multidimensional, isto é, constitui-se de diferentes elementos que são inseparáveis e, existe um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre as partes e o todo, e o todo e as partes (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 473).

Do ponto de vista de Moscovici (1978), as representações sociais seguem ainda conceitos biológicos, psicológicos e filosóficos além de afetivos nas relações entre indivíduos que se influenciam mutuamente formando sentidos dogmáticos em

comum nas percepções de realidades da vida das pessoas. Em especial, retratando o conceito de Moscovici, Alves Mazzotti (2000) diz:

Moscovici parte da premissa de que [...] não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, na medida em que, ao aprendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material (MAZZOTTI, 2001, p. 59).

Para Moscovici as características comportamentais dos indivíduos dentro da sociedade não representam o reflexo dos padrões estabelecidos pela sociedade, antes o próprio homem observa, assimila e cria sua própria percepção por meio do pensamento coletivo (BERTONI; GALINKIN, 2017; MOSCOVICI, 1978).

Dentro da teoria das Representações Sociais de Moscovici é nas relações sociais entre pessoas no cotidiano que as representações são aprendidas com facilidade através da interiorização de pensamentos e aceitação de senso comum, mas, também pela exteriorização de conceitos no exercício de liderança que acontece o tempo todo entre as pessoas no convívio social cognitivo, afetivo e político (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001; MOSCOVICI, 1978; ALVES-MAZZOTTI, 2000; BERTONI; GALINKIN, 2017).

Nessa conjuntura, ainda é possível identificar na teoria de Moscovici que a representação social é, pois, constituída por um conjunto de informações que somente se faz possível através das dinâmicas do relacionamento social em que conjunto de informações como: de crença, de opiniões e de atitudes sobre um dado objeto completam os relacionamentos originando, portanto, as representações sociais.

Ainda diz Alves-Mazzotti (2000):

O que Moscovici procura enfatizar [...] é que as representações sociais não são apenas “opiniões” sobre ou “imagem de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que tem uma lógica e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos que ‘determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e regem subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas (ALVES-MAZZOTTI, 2000, p. 59).

Moscovici (2005) não subestima o senso comum, para ele o mesmo trata-se de uma forma de conhecimento diferenciado, isto é uma visão real de como os fatos acontece e que tem como base de origem as conversações cotidianas e na comunicação humana e que serve para responder aos diversos questionamentos referentes aos problemas sociais presente no dia a dia e na vida dos indivíduos.

Desse modo, também é pertinente lembrar que para entender mais claramente o conceito de Representações Sociais de Moscovici, é preciso considerar que as pessoas são envolvidas em imagens, linguagem ou cultura que são impostos por representações do grupo ao qual pertencem:

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (MOSCOVICI, 2005, p. 35).

Em função disso, os elementos da Teoria do psicólogo Serge Moscovici abordadas em termos de processo, consiste em saber como se constroem as representações, como se dá a incorporação do novo, do não familiar aos universos consensuais. Nesse sentido, para Moscovici, na construção das representações que se refere a um conjunto de valores, ideias e práticas envolvem dois processos formadores: a ancoragem e a objetivação. Sobre esses processos pontua-se que são complementares (ALVES-MAZZOTI, 2000; BERTONI; GALINKIN, 2017).

Enquanto o processo de ancoragem estabelece como função, promover a integração cognitiva do objeto representado num sistema de pensamentos já existentes e dessa forma colocar o novo elemento em uma categoria mais familiarizado, por outro lado a objetivação está relacionada ao mecanismo de tornar algo subjetivo em objetivo, ou seja, é tornar concreto os fenômenos abstratos, com isso para exemplificar essa questão (BERTONI; GALINKIN, 2017; MAIA, 2001; ALVES-MAZZOTI, 2000).

Moscovici buscou aplicar o exemplo apresentando Deus como sendo uma imagem subjetiva, abstrata em uma imagem mais clara e objetiva acrescentando a figura de pai como meio para dar um significado ao nome de Deus. Havendo-se, ainda segundo Moscovici expressiva diferença, entre sua Teoria das Representações Sociais e a perspectiva individualista da psicologia social da América do Norte (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001; MOSCOVICI, 1978).

Isso por que os conceitos normalmente são construídos pelos indivíduos na perspectiva individualista, como explicado a seguir:

[...] não levam em conta o papel das relações e das interações entre as pessoas: os grupos são considerados posteriori e de maneira estática, centrando-se a investigação na maneira como eles selecionam e utilizam as

informações que circulam na sociedade, e não como as instâncias que a criam e comunicam. Finalmente ao contrário do que ocorre nos estudos das representações sociais, o contexto, bem como as intenções dos atores sociais não são considerados (ALVES-MAZZOTTI, 2000, p. 59).

Como elemento importante das teorias das Representações Sociais de Sérgio Moscovici esta é fator de construção das realidades em termo de produto e em termo de processo, pois, a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual o indivíduo ou o grupo reconstitui o real, confrontando e, ao mesmo tempo atribuindo uma significação específica (MAIA, 2001; ALVES-MAZZOTI, 2000; BERTONI; GALINKIN, 2017).

Sendo assim, a teoria individualista da psicologia social da América do Norte, difere da teoria de Moscovici ao que diz respeito formação do pensamento individualista, pois em contrapartida a teoria das representações sociais o pensamento coletivo não exerce qualquer influência sobre a construção da concepção do indivíduo.

Ou seja, contrária a visão de Serge Moscovici as conversações cotidianas, a interação entre os indivíduos não representa base para o desenvolvimento do pensamento individualista do homem, mas o pensamento coletivo será um elemento de análise e investigação do homem após sua formação do pensamento particular que não recebe influência externa para sua construção (MAIA, 2001).

As representações Sociais pertencem, exclusivamente, ao universo consensual. Por conseguinte, elas não possuem uma estrutura específica e podem ser percebidas tanto como representações tanto como ciências. Seguindo essas premissas, o objetivo da ancoragem e da objetivação é transformar o “não-familiar” em “familiar”, ou seja, trazer as representações do senso comum e torná-las compreensíveis pela ciência, sem alterar o universo no qual se originam. Para tanto, a pesquisa em RS exige a compreensão do processo de construção do conhecimento do senso comum que na perspectiva de Moscovici pressupõe analisar os processos de objetivação e ancoragem subjacentes a essas representações (BERTONI; GALINKIN, 2017, p. 104-105).

Desse modo, as Representações Sociais RS tratam-se não de um saber científico, mas dos pensamentos e concepções que o homem adquire por meio das conversações e interação com o meio dentro da sociedade, e que estes diálogos referem-se sobre questões e problemas sociais (ALVES-MAZZOTI, 2000).

Diante disso sabe-se que as representações sociais estão ligadas aos elementos reais e servem como forma de respostas aos questionamentos do homem dentro da sociedade. Levando em conta os estudos acerca das representações no

âmbito escolar, é essencial conhecer e compreender a realidade social, os costumes, os hábitos, a linguagem, fazendo com que estes saberes que circulam possa explicar a realidade e, percepção sobre a violência que o cerca.

Principalmente por que há de se considerar a dimensão histórica e social, bem como a complexa rede de relações da qual este fenômeno faz parte, onde as Representações Sociais estão profundamente relacionadas com o fenômeno da violência escolar, pois trata-se de um ambiente onde ocorrem as interações humanas, onde elas surgem, entre duas pessoas ou entre dois grupos, o que pressupõem essas representações e estas são indispensáveis para a compreensão da dinâmica social e das relações entre indivíduos (MOSCOVICI, 2005; MOSCOVICI, 2001).

Desse modo, reitera-se a relevância das pesquisas que associam as questões da educação com os estudos de representações sociais:

Tanto pela sua abrangência conceitual e as possibilidades de aplicação e interpretações dos dados coletados, uma vez que apresentam recursos que permitem perceber a variedade dos elementos que constituem as representações, segundo os múltiplos protagonistas que atuam no contexto escolar, no caso dessa investigação, as representações sociais sobre as violências nas escolas. É fato que as representações sociais estão circunstanciadas pelo momento histórico, contexto social e grupo cultural, e não se constituem como uma organização hipotética que obedece a um modelo empirista e mecanicista das informações [...], mas como uma interação dos dados da experiência e o quadro social de sua apreensão, da sua memorização (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 474).

Diante disso, percebe-se a importância de se investigar as representações sociais da violência nas escolas, buscando promover um conhecimento científico de como esse fenômeno da violência, pode modificar o cotidiano escolar no que concerne a prática pedagógica, bem como as relações e ações na tentativa de conviver ou resolver esse problema crescente nas escolas.

Para tanto, também se faz necessário abordar e problematizar os impactos da violência nas escolas, especialmente nas escolas públicas, a partir dos conceitos e elementos das Representações Sociais.

5 PROBLEMATIZAÇÃO DOS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Tendo-se toda instituição de ensino formal, sua comunidade escolar e a necessidade de promover educação para atender às necessidades de seu público

consumidor de seus serviços, o professor trabalha convivendo com alunos de diferentes opiniões socialmente representativas.

Nesse contexto é o espaço aberto a diferentes grupos de discentes por suas representações sociais convergentes ou divergentes entre si, e, o professor deve ser o maestro capaz de promover educação e formação cultural respeitando as diferenças, mas, ao mesmo tempo impondo como líder a ordem pela disciplina pelo respeito entre alunos, ou seja, a escola é um espaço que está sujeito a violência no sentido de que é um lugar onde abriga a diversidade.

Sendo assim, é propício a entrar em conflitos e divergências, porém sabe-se que o professor tem a função de educar e levar o conhecimento aos educandos de forma a sensibilizá-los a aprender a respeitar as diferenças tendo-as como meio para elevar os seus conhecimentos de modo a minimizar ou sanar qualquer possibilidade de promover do patrimônio público escolar um espaço de violência, em vista que o mesmo deve ser encarado como um lugar agradável para se viver.

Além disso, deve ser um âmbito onde as pessoas possam ter a liberdade de trocar conhecimentos construtivos e que estes continuem sendo o meio viável para transformar os indivíduos, de modo a alcançar o esclarecimento, a conscientização dos seus direitos e deveres e o entendimento sobre que o seu direito termina quando o do outro começa. Portanto diante disso se requer uma distinção entre esses dois elementos que para se ter uma ordem em um determinado meio é preciso o indivíduo compreender esse aspecto relacionado ao seu direito e o do outro para que se possa estabelecer uma harmonia entre os mesmos.

A esse respeito Grandin (2008, p. 63) salienta que a escola, ou o próprio cotidiano escolar, é o espaço privilegiado de construção das representações docentes. Na escola, as representações estão postas, histórica e socialmente, e são construídas pelos sujeitos que dela fazem parte. Inúmeras são os trabalhos que abordam as representações sociais sobre a escola, ou acerca de elementos que compõem o universo escolar, formadas por educadores no exercício da profissão ou estudantes das mais diversas licenciaturas ou cursos de formação.

Em função disso é nítido que cada profissional trabalha de uma forma peculiar, mas é notório que durante as práticas pedagógicas os educadores e os educando poderão se adaptar as circunstâncias do meio proporcionado pelas relações sociais. Já Checchia (2006, p. 143) em suas considerações aponta: “deve-se ressaltar que

outro elemento central, intensamente enfatizado pelos jovens alunos na pesquisa que realizamos, consiste na necessidade e relevância em serem ouvidos”.

E [...] referem-se à necessidade de serem instituídos na escola espaços de discussão “em que possam expressar suas opiniões, debater, refletir e de informar sobre temas como a experiência escolar, adolescência, sexualidade, política, drogas e violência” (CHECCHIA 2006, p. 144-145).

A essa questão durante a pesquisa tive a oportunidade de dialogar e ouvir alguns alunos e estes tiveram expressas opiniões e queixas e trouxeram sugestões para propor amenizar, até mesmo evitar as ocorrências de violência na escola. Tais como: debates, palestras, regras e ter conversas com cada aluno, diálogos entre as partes envolvidas, profissionais de segurança visitando com frequência as escolas, reuniões com pais e alunos, a participação mais ativa da família, pois quando os pais se fazem presentes os filhos tendem a ter mais respeito e comportamento. A essa questão para que se possa debater a respeito da violência entre os discentes e o corpo escolar é preciso propor um diálogo entre os jovens, a escola precisa conhecer a história dos indivíduos envolvidos para poder encontrar caminhos que possam levá-los a percorrerem rumos diferentes, em vista que o fracasso na busca para a solução da violência no âmbito escolar e no geral, está em não se atentar em ouvir as partes mais importantes.

Até por que nessa perspectiva os alunos precisam ser ouvidos, tendo em vista isso, há pessoas envolvidas na violência devido a problemas de caráter, porém, mesmo sabendo que de certo modo não existe justificativas para diversos graus de violência, existe aquelas pessoas que se envolve nessas questões devido as circunstancia de momentos. A violência nas escolas reflete bem a falência do sistema, a falta de investimentos governamental, as condições precárias de trabalho, a pouca presença de psicopedagogo e pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Então, em suma conclui-se que tais atitudes nada mais são que símbolos de violência. Seguindo mais além, entre tantos pontos negativos sobre o reflexo de violência ainda é possível complementar que com impacto negativo da violência na escola está o abandono escolar de alunos de difícil capacidade de relacionamentos sociais, e também os atritos entre alunos e entre estes e seus educadores que prejudicam o bom desenvolvimento das aulas prejudicando a aprendizagem e desenvolvimento social dos alunos mais comportados.

Trabalhar pedagogicamente as diversidades nas representações sociais dos discentes é dever de todo professor, é o objetivo de transformar ânimos acirrados em motivos de debates dialógicos necessários para se evitar esse problema educacional na forma de violência física ou verbal no ambiente pedagógico.

Escola como espaço (de aquisição) do conhecimento nas sociedades primitivas, a escola não existia, portanto, cabia à família e à comunidade próxima a educação da criança. A elas competia transmitir os conhecimentos necessários à sua sobrevivência no grupo social ao qual pertencia. Em sociedades complexas, como a nossa, a função educacional deixa de ser realizada apenas no âmbito da família e grupo próximo. Para participar da vida social nas sociedades complexas é fundamental a apropriação, por parte dos indivíduos, dos conhecimentos construídos pela humanidade. A transmissão desses conhecimentos é a função precípua da escola e, como salienta Vygotsky (1984), razão pela qual essa instituição existe (MACHADO, 2011, p. 144).

A dinâmica de ensino formal para controle da violência na escola, obriga professores a identificar as características sociais, ideológicas e intelectuais de seus alunos de forma individual e coletiva. Para que dessa forma, se poder antecipar a conflitos na sala de aula ou mesmo fora da escola, essas dinâmicas citadas anteriormente é uma forma de fazer com que os alunos interagem entre se promovendo aquela convivência saudável, tornando-os mais próximos e é, aí, que o professor experiente, formado que domina conceitos sociológicos da educação sabe influenciar as representações sociais dos discentes favorecendo a política de ética na sala de aula.

Portanto, dizemos que as representações sociais idealizadas, a compreensão abstrata do mundo, “a incorporação de meias verdades manipulador levam a discutir sua necessária desconstrução e, conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência” (FRANCO, 2004, p. 179).

O principal impacto da violência nas escolas diz respeito, ainda, à questão do pouco interesse pela educação da parte dos alunos que, se formam em meio a conflitos familiares, dificuldades financeiras e, se ingressam para o mundo das drogas, do crime e da prostituição juvenil, e, mesmo se torna estatística da evasão escolar.

Por mais que a educação está ao acesso a todos, há um número bastante elevado de crianças e jovens que dão pouca importância aos estudos. Este fato possui vários elementos em questão e o primeiro refere-se a conscientização por parte de todos os indivíduos sobre o tamanho da importância da educação na vida do homem; isto é em todo os sentido como o desenvolvimento intelectual e também na melhor

qualidade de vida sendo também que outros fatores são responsáveis por manter uma parte da população distanciada da sala de aula, tais como estrutura familiar conturbada, e os alto níveis de pobreza.

Sobre a violência, é importante destacar que:

Etimologicamente, Violência vem do latim *vis*, força, e significa; 1) Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, pela intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUÍ, apud, SAUL, L. L, São Paulo, 2010, p. 34).

A palavra violência tem origem do latim *violentia*. Buscando no dicionário uma conceituação para dar significado a esse termo compreende-se que a violência está ligada ao ato que se exerce com força contra determinado obstáculo e assim pode-se compreender que quando uma pessoa age com violência contra outra pessoa, em sua concepção a outra pessoa é vista por parte de quem age com agressão como um obstáculo, e assim ele irá precisar detê-lo.

Então, desse modo, sabendo que a violência de forma geral tem um emprego destrutivo, várias pessoas possuem a sua visão e pensamento sobre esse ato, mas, contudo, conclui-se que a violência somente pode ser considerada como tal ato quando este é percebido e considerado por parte da vítima.

6 DIÁLOGOS COM PROFESSORES E ALUNOS EM UMA ESCOLA DE GRAJAÚ – MARANHÃO

A escola do presente estudo se localiza em Grajaú, Maranhão, sendo um município que tem uma grande influência da zona rural, onde sua economia é baseada na agricultura, no agronegócio, na pecuária, na piscicultura, na gipsita e tem uma parte do seu desenvolvimento voltados para o comércio local. No que se refere a escola, a mesma é tem como público alunos do ensino médio e é composta por 10 salas de aula, sala de diretoria, sala dos professores, cozinha, sala de leitura, sala de secretaria, despensa, auditório, pátio coberto. A escola possui aulas nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Os conceitos que nortearão nossa investigação têm como base a teoria das Representações Sociais, pensada pelo psicólogo social Serge Moscovici. A teoria das Representações Sociais é uma teoria científica “sobre os processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem explicações sobre objetos sociais” (WACHELKE; CAMARGO, 2007, pág. 379).

Moscovici, em seus estudos, demonstra a relação que existe entre indivíduo e sociedade e, portanto, as interações sociais existentes. O autor observa ainda, que essas interações e a comunicação são processos responsáveis na construção das representações sociais, dizendo como ele:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2013, p. 21).

Observa-se assim, que a teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici inaugura uma nova fase na psicologia social explorando uma diversidade de ideias coletivas nas sociedades modernas. Entende-se que não há um conceito único de representação social e esta é entendida por Sá (2002) como estudo legítimo na área da psicologia social e tem uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada socialmente, constituída de informações, de crenças, valores, opiniões, atitudes sobre um determinado objeto social e que se apresenta na construção da realidade de um grupo social.

Outro ponto importante sobre a teoria das Representações Sociais, é que essa procura explicar como um conhecimento passa a fazer parte do senso comum, bem como o papel e a influência da comunicação no processo da representação social, e ainda como essa representação social passa a fazer parte da realidade cotidiana das pessoas e como essas ideias construídas são compartilhadas e transformam suas práticas, ou seja, como o conhecimento individual se enraíza no social e como um e outro se modificam mutuamente.

Nessa perspectiva, essa teoria tem uma raiz interacionista. O conhecimento é sempre produzido através da interação e da comunicação, e a expressão do conhecimento está ligada ao interesse, desejos e necessidades das pessoas. As Representações Sociais são geradas, estruturadas e transformadas no

processo de comunicação e são expressas através da linguagem. São pelos intercâmbios comunicativos que as pessoas procuram compreender o mundo, apresentar suas ideias a respeito dele, se ligar umas às outras e construir novas ideias e práticas.

Moscovici (2005) considera que há gêneros de comunicação, como a conversação, a difusão, a propaganda. O primeiro gênero onde o senso comum é formado é a conversação. Pela conversação se apreende não só os diferentes conteúdos, mas também as maneiras como as pessoas falam sobre eles, os modos de falar e as regras de relação entre as pessoas. Observa-se ainda que as Representações Sociais partem de outras premissas.

Primeiramente, não considera a realidade dividida entre exterior e interior como em um passado recente se admitia, e sim que essa se constitui pelo sujeito na interação com o objeto, em um campo comum aos dois, em que o objeto é parcialmente percebido e passa a fazer parte do comportamento do sujeito como um prolongamento, constituindo o próprio sujeito.

O objeto só existe em função do método que o sujeito usa e que permite conhecê-lo. Na relação com o objeto, as ideias têm um poder criador, de inúmeras combinações, e não são cópias fiéis do mundo exterior. A essa corrente de ligações, o papel do sujeito, do grupo, é de fazer o elo dessas ligações e se apropriar delas. O sujeito, então, não é eliminado do processo, considerando que sua visão de mundo é um viés, mas o sujeito constrói a representação do mundo “real”, que não existe sem ele, ao mesmo tempo em que se representa a partir de suas distinções do “real”. A constituição do sujeito é simultânea à construção do real.

Moscovici conclui que as representações sociais não são “opiniões sobre”, nem “imagem de”, mas “teorias”, conhecimento coletivo que se constitui em um processo de transformação e evolução de ideias pré-existentes, referentes a determinadas áreas de existência e de atividades, e se convertem em um conhecimento compartilhado e utilizado pela maioria das pessoas em seu cotidiano.

Dessa forma, a partir do que Moscovici observa através de suas teorias, foram colhidos alguns elementos para análise das representações a partir da violência no âmbito de uma escola pública de ensino médio no município de Grajaú – MA.

Como já mencionado anteriormente, o questionário aplicado foi o instrumento de coleta de dados para a pesquisa “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: diálogos com professores e alunos em uma escola de

Grajaú – MA”, com o objetivo central de identificar e sistematizar as Representações Sociais da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú, Maranhão.

Nesse sentido, foi solicitado aos respondentes que dedicasse alguns minutos para respondê-lo, especialmente, nas questões que exigem explicações e justificativas, pois são imprescindíveis para a compreensão das respostas. Os dados foram tratados com a impessoalidade devida, bem como foram utilizados apenas para os fins da presente investigação.

O primeiro questionário é de estudante, do gênero feminino e tem menos de 18 anos (denominada aqui de E1). Quando questionada (o) se sabia o que era violência escolar, respondeu que sim. E se já havia presenciado alguma situação de violência escolar, também afirmou que sim. A questão seguinte pedia para descrever o tipo de violência. A resposta foi: violência verbal.

O segundo questionário também é de estudante, do gênero feminino e tem menos de 18 anos (denominada aqui de E2). Quando questionada (o) se sabia o que era violência escolar, também afirmou que sim. E se já havia presenciado alguma situação de violência escolar, também confirmou positivamente. O item seguinte do questionário pedia para descrever o tipo de violência. A resposta foi: “aluno batendo boca com o professor, colegas de classe fazendo Bullying e brincadeiras bruscas com outros alunos”, ou seja, violência verbal.

O terceiro questionário é de: estudante, do gênero feminino e tem menos de 18 anos (denominada aqui de E3). Quando questionada (o) se sabia o que era violência escolar, respondeu que sim. E se já havia presenciado alguma situação de violência escolar, marcou a opção que sim. A questão seguinte pedia para descrever o tipo de violência e a resposta foi: violência verbal.

O quarto questionário é de estudante, do gênero feminino e tem menos de 18 anos (denominada aqui de E4). Quando questionada (o) se sabia o que era violência escolar, afirmou que sim. E se já havia presenciado alguma situação de violência escolar, afirmou que não.

O quinto questionário é de estudante, do gênero feminino e tem menos de 18 anos (denominada aqui de E5). Quando questionada (o) se sabia o que era violência escolar, disse que sim. E se já havia presenciado alguma situação de violência escolar, também confirmou positivamente. O item seguinte do questionário

pedia para descrever o tipo de violência. A resposta foi: “uma aluna desrespeitou mais de um professor e discutiu com eles”, ou seja, violência verbal.

Os sexto e sétimo questionários são de professores, um do gênero feminino e outro, masculino, e têm acima de 18 anos (aqui denominadas de P1 e P2, respectivamente). Questionadas (os) sobre se sabiam o que era violência escolar, responderam que sim. E se já haviam presenciado alguma situação de violência escolar, também afirmaram que sim. A questão seguinte pedia para descrever o tipo de violência. As respostas foram: “P1: Estudantes discutindo, alunos enfrentando professores, alunos agredindo uns aos outros, etc.”. P2: Troca de ofensas, preconceito e até mesmo agressão física”.

Como se observa, a maioria das respostas apontam para a violência verbal nas escolas como predominante. Em um estudo feito por Beirão e Botega (2020), sobre os impactos em crianças que sofrem ou sofreram agressões verbais dentro do ambiente escolar, as autoras concluíram que as agressões verbais são o ato de ferir alguém através de palavras ofensivas e preconceituosas (BEIRÃO; BOTEGA, 2020).

E de acordo com os resultados obtidos em sua pesquisa, as autoras constataram que o ambiente em que as crianças estão inseridas refletem diretamente em suas ações. Por isso que é essencial abordar o conteúdo de agressões verbais, a fim de gerar reflexão, aprendizado, respeito e compreensão ao outro nas suas diferenças, visto que as escolas são instituições capazes de (re)produzir, mas também de criar formas de enfrentar as violências (BEIRÃO; BOTEGA, 2020).

Antes de prosseguir para a questão seguinte, vale aqui destacar a resposta de E5 e a de P1 acerca da violência entre aluno e professor. Assis (2010) aborda esse tema, ou seja, a violência de aluno contra professor, enfatizando que mesmo que a violência não atinja diretamente o professor, ele se vê envolvido por prestar solidariedade ao colega que foi agredido ou pelos sentimentos que experimenta ao se colocar no lugar do agredido. Assis (2010) comenta ainda que em algumas situações, os professores possuem medo de reprovar, ou até mesmo de dar notas baixas aos alunos, pelas ameaças veladas que recebem (ASSIS, 2010).

A violência de alunos contra professores é bastante comum também e se constitui como uma das modalidades mais frequentes desse fenômeno no ambiente escolar, sendo uma das que mais afetam o cotidiano escolar, com ênfase especial na violência protagonizada pelos alunos, ou seja, entre eles mesmos.

A pergunta seguinte do questionário era sobre a partir da compreensão de que a violência na escola é um fenômeno estrutural da sociedade e que se expressa na escola, se as pessoas entrevistadas conseguiam visualizar esse fenômeno nessa escola, seja ela simbólica, verbal, física, etc. As respostas de E1, E2, E3, E4 e E5 foram afirmativas, assim como as respostas de P1 e P2.

Isso evidencia como o fenômeno da violência é mais comum do que se pensa, até porque trata-se de uma questão que sempre esteve presente na história da humanidade, sendo historicamente inerente ao homem. Por isso que é fundamental valorizar a educação e seus profissionais para que atuem no sentido de prevenir atos de violência, desde o espaço escolar até toda a sociedade, para que esse fenômeno não seja tão comum assim:

A violência trata-se de uma realidade na qual suas manifestações intra-escolares se apresentam como reflexos da violência social. Nesse sentido, é um fenômeno fundamentalmente derivado, cuja dinâmica se origina na sociedade e se reflete na escola. Seu dinamismo é de fora para dentro. A marca constituída da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético. Por isso que a violência na escola deve ser investigada, estudada, compreendendo as diferentes estruturas familiares, econômica e cultural, que refletem diretamente no ambiente escolar (BARBOSA et al., 2021, p. 18).

Esses marcadores sociais nos ajudam a entender essa recorrência da violência escolar, principalmente se pensarmos a partir das Representações Sociais, que são geradas, estruturadas e transformadas no processo de comunicação e são expressas através da linguagem (MOSCOVICI, 2013).

Por isso que podemos compreender em parte esse fenômeno, já que surge como algo inevitável, pois é a forma de relacionamentos com ideias convergentes e divergentes entes agentes escolares, mas, quando existem conflitos de interesses ou discussões acaloradas por parte de alunos exaltados todo o processo de ensino e aprendizagem fica prejudicado (MACHADO, 2011; GRANDIN, 2008).

A questão seguinte do instrumento de pesquisa, versava sobre se a violência escolar existe pelo fato de a escola ser o espaço onde as diferenças se encontram. Os entrevistados responderam da seguinte forma:

E1: Sim, porém, isso é justificativa para que ocorra qualquer tipo de violência na escola.

E2: Sim, pois cada um tem uma criação diferente, onde uns sabem dialogar e outros não, sobre violência verbal e física com base no temperamento da pessoa.

E3: Sim, apesar de ser bom ter a convivência com diferentes tipos de pessoas, podem ocorrer discordâncias, levando assim à ocorrência de violência na escola, tanto verbal quanto física.

E4: Sim, as diferenças existem, mas isso não justifica a violência.

E5: Pode ser que sim, pelo fato de que algumas pessoas não aceitam opiniões de outras.

P1: Geralmente essa questão de violência é um reflexo da vida externa do aluno ou de alguma desestruturação psicológica. A diversidade existe em todo o âmbito social.

P2: Sim, a escola é um assistente social, neste espaço é comum que aconteçam choques e conflitos de valores.

Como se observa, as pessoas entrevistadas compreendem que o fato de existir diversidade na escola, não é justificativa para esse fenômeno exista neste ambiente, mas que essa pluralidade acaba influenciando nos índices de violência nas escolas, justamente por ser um espaço que abrande essa diversidade e uma ampla variedade de opiniões, crenças, culturas e valores diferentes.

Contudo, isso é algo interessante para se refletir sobre esse tema, pois para quem sofre violência na escola, este ambiente a escola se torna um local cada vez mais hostil e difícil de frequentar, pois não sente acolhimento e escuta frente aos meus processos de sofrimentos.

Essa questão de a escola ser um espaço onde as diferenças se encontram, deveria ter uma compreensão geral de que a diferença constitui os seres humanos que estão ali na escola como sujeitos singulares neste mundo, que cada um/a ao seu modo “se forja pela diferença e diversidade e que, obviamente, no contexto escolar isso pode ser tratado como potência de vida e/ou por meio de processos de exclusão e discriminação, produzindo assim efeitos na subjetividade” (BEIRÃO; BOTEGA, 2020, p. 3).

Por isso que a teoria das Representações Sociais é essencial para compreender o fenômeno da violência nas escolas, pois, partindo da premissa de que estas representações têm dois pilares principais de sustentação, ou seja, sujeito e sociedade, isso explica como expressão do agrupamento de pessoas que se relacionam com diferentes interesses cognitivos e afetivos, principalmente pelo fato de a escola ser um local que agrupa pessoas diferentes (ALVES-MAZZOTI, 2000; MOSCOVICI, 2001).

A sexta pergunta do questionário era se os entrevistados acreditavam que as diferenças de valores, educação familiar, religião e cultura, fazem da escola um local permanente de potenciais conflitos. Vejamos as respostas:

- E1: Indiretamente sim, de certa forma, tudo o que acontece na nossa vida internamente reflete na vida externa.
- E2: Sim, pois cada um tem a sua opinião, perspectivas e no que elas acreditam e se negam a compreender.
- E3: Não deveria, porém, são essas diferenças que geralmente causam as discordâncias.
- E4: Não, apesar das diferenças, o respeito deve prevalecer.
- E5: Sim, pois há pessoas que não têm uma boa convivência com a família, não são ouvidos e acabam agindo de forma diferente.
- P1: Muitos estudantes estão acostumados sobre os seus conceitos sobre o certo e o errado e a contradição destes pode causar-lhes um desconforto e isso pode gerar desentendimentos e brigas, conseqüentemente.
- P2: Sim, um mundo de diversidade forma a escola.

A prevalência de respostas positivas nessa questão evidencia a “normalidade” do problema da violência escolar como um dos principais problemas recorrentes nas escolas, e, que na verdade é um reflexo da sociedade. Seja entre os alunos, violência dos alunos contra os professores ou funcionários da escola, é uma questão que permeia as instituições de ensino no Brasil (EYNG; GISI; ENS, 2009).

Daí a necessidade de se pensar mais sobre a implementação efetiva das políticas e práticas educacionais que firmem uma educação de qualidade na garantia dos direitos do adolescente, tendo como principal base teórica as contribuições de Serge Moscovici e que busquem mudar essa cultura perversa da humilhação e da perseguição dentro das escolas, “trabalhar insistentemente na filosofia da inclusão, na aceitação da diversidade cultural, social, intelectual, sexual, na tolerância religiosa e política é o que deve ser feito” (BARBOSA et al., 2021, p. 72).

O último item do questionário indagava os entrevistados acerca de possíveis sugestões e propostas para amenizar, diminuir ou evitar as ocorrências de violência dentro da escola. Vejamos as respostas obtidas:

- E1: Debate entre os alunos, juntamente com os pais e com a gestão escolar.
- E2: Segurança. Que os proprietários (gestores) das escolas façam algo a respeito disso. E que todos entrem em consenso.
- E3: O conhecimento correlacionado ao tema do motivo da violência em questão; o diálogo entre as partes envolvidas, o que geralmente não ocorre; profissionais de segurança visitando frequentemente as escolas, o uso de regras como punições a quem as violarem, reuniões com pais e alunos, etc.
- E4: Debates, palestra e conscientização.
- E5: Regras e ter uma boa conversa com cada aluno.
- P1: A participação mais ativa da família, pois quando os pais se fazem presentes, os filhos tendem a ter mais respeito e comportamento.
- P2: Uma educação que envolva, valorize e forme caráter.

As sugestões dos entrevistados demarcam importantes estratégias para se discutir e repensar o fenômeno da violência nas escolas. Vale ressaltar que essas

sugestões encaminham para um direcionamento de tratar desse problema de forma reflexiva e estrutural e não por meio de repressões ou retaliações.

As escolas, bem como toda a comunidade envolvida e, principalmente, os órgãos públicos, no papel do Estado, devem agir no sentido de perceber que atualmente a violência escolar se manifesta frequentemente, se constituindo como uma ameaça diária à integridade física, psíquica, e da dignidade dos estudantes, dos professores e demais agentes escolares, sendo que as variadas manifestações das violências no âmbito educacional vêm comprometendo cada vez mais a qualidade educativa no contexto da escola pública brasileira (ASSIS, 2010; MACIEL, 2015).

Contudo, sabemos que acabar de vez com o problema da violência escolar não é algo simples e fácil de fazer, apenas com debates, estratégias, decretos ou leis. Isso porque trata-se de um fenômeno que tem suas raízes nessa sociedade e que, por isso, partimos da compreensão das Representações Sociais, para poder pensar essa questão.

Mudar uma cultura não é algo que se faz por lei ou decreto. É um processo mais demorado, lento, com idas e vindas, avanços e retrocessos e exige o engajamento coletivo. A realidade que vivemos em nosso país e em nossas escolas ainda não é a de uma cultura de respeito aos direitos humanos nem de proteção integral à infância e juventude. Mesmo diante de situações por vezes contraditórias, no entanto, há que buscar brechas e estratégias para a garantia de uma educação que se pautar pelo respeito aos professores, funcionários, pais e especialmente alunos (ASSIS, 2010, p. 37).

Como destacado no trecho acima, pensar no problema da violência escolar no Brasil é pensar num problema social, e por isso, as Representações Sociais são importantes para a compreensão deste fenômeno, pois se constituem como um padrão social e cultural, manifestado na forma da violência, que parece estar associada naturalmente à história da espécie humana (EYNG; GISI; ENS, 2009).

Mas além disso, existe ainda o dogmatismo social que influencia o senso de certo e de errado e aí entende-se porque as representações sociais influenciam no problema da violência, seja entre os alunos, violência dos alunos contra os professores e funcionários da escola, bem como o aumento em nossos dias da violência no espaço escolar.

E em vez de a escola ser vista como um espaço plural e democrático que recebe todos os tipos de pessoas, independentemente de suas características de *status* econômico, formação cultural, preferência política ou formação religiosa, etc., acaba sendo um local onde muitos (principalmente aqueles que sofrem ou sofreram

algum tipo de violência) sentem resistência em ir e, em muitos casos, sendo um local de associação à violência.

Portanto, com bases nas informações obtidas com a coleta de dados, acerca da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú, Maranhão, pôde-se analisar esse fenômeno a partir da teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, principalmente em razão da necessidade de compreensão dessa questão para poder amparar a elaboração e implementação de políticas e práticas educacionais que firmem uma educação de qualidade na garantia dos direitos do adolescente neste espaço.

No mais, precisamos pensar na violência nas escolas, seja ela física, verbal, psicológica, etc., a partir da necessidade de políticas educacionais e, mais especificamente, a partir da maneira como se estruturam as relações hierárquicas no sistema educacional brasileiro. Os alunos devem enxergar a escola como um local de acolhimento, de pluralidade, de aceitação e não um local que ameaça diariamente a integridade física, psíquica, e a dignidade dos seus membros, sejam professores, alunos ou outros funcionários.

7 CONCLUSÃO

No decorrer deste estudo, discutiu-se a violência nas escolas como um problema recorrente e crescente no cenário educacional brasileiro, que é reflexo da falência do sistema, da falta de investimentos governamental, das condições precárias de trabalho como falta de professores na rede pública, da pouca presença de psicopedagogo e pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, assim como também se constitui como um problema estrutural e social, resultado da própria na história da humanidade, como um problema historicamente inerente ao homem.

Desse modo, percebemos que as violências presentes nas escolas são um fenômeno complexo que está despertando cada vez mais a atenção dos educadores e da sociedade como um todo e requer um cuidado especial das instituições responsáveis pela elaboração e implementação das políticas públicas, em especial as da educação, justamente pelo fato de a escola dever ser um espaço social, onde os alunos devem se sentir seguros e acolhidos.

Nesse sentido, buscando identificar e sistematizar as Representações Sociais da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú,

Maranhão, devido à necessidade de compreensão desse fenômeno para poder amparar a elaboração e implementação de políticas e práticas educacionais, as informações obtidas e na discussão estabelecida ao longo do texto permitiram constatar uma predominância da violência verbal nas escolas, tanto em situações de violência entre os alunos, quanto entre alunos e professores.

Além disso, observou-se também, a partir da coleta de dados, uma compreensão majoritária de que uma das razões pelo qual essa violência escola existe é o fato de a escola ser o espaço onde as diferenças se encontram, pela percepção, principalmente dos estudantes entrevistados, de que cada um tem uma criação diferente, onde uns sabem dialogar e outros não, e de que apesar de ser bom ter a convivência com diferentes tipos de pessoas, podem ocorrer discordâncias, levando assim à ocorrência de violência na escola, tanto verbal quanto física.

Contudo, observou-se também que o problema da violência escolar no Brasil é um problema social, e por isso, as Representações Sociais nos ajudam a compreender esse fenômeno, pois se constituem como um padrão social e cultural, manifestado na forma da violência, que parece estar associada à história da espécie humana.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. B. S. F. Representações sociais do trabalho docente segundo licenciandos da UFMT. In: Congresso nacional de educação – educere e III congresso ibero americano de violências nas escolas. Curitiba: **Champagnat**, 2008. p. 11624-11634. CD-ROOM.
- ASSIS, S. G. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / **Editora FIOCRUZ**, 2010. 270 p. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/impactos_violencia_escola.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.
- BARBOSA, J. M. et al.,. A violência escolar: diagnóstico e propostas de solução Brasília: **ICPD; CEUB**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15597/1/Ebook%20Viol%C3%Aancia%20Escolar.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2022.
- BEIRÃO, T.; BOTEGA, G. P. **Agressões verbais na escola: palavras e a constituição da criança**. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16602/1/ARTIGO%20-%20VERS%C3%83O%20FINAL.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2022.
- BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. In: Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]. Ilhéus, BA: **EDITUS**, 2017, pp. 101-122. ISBN: 978-85- 7455-493-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- BORBA, J. F; RUSSO, M. J. O. Contradições na escola: a violência no lugar do desenvolvimento humano. **Múltiplas Leituras**, v. 4, n. 2, p. 25-39, 2012. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:m_xoRE8hQ4J:https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/download/2839/2904&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 26 ago. 2022.
- CHECCHIA, A. K. A. **O que os jovens alunos de classes populares têm a dizer sobre a experiência escolar na adolescência**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-03082006-212144/>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- EYNG, A. M.; GISI, M. L.; ENS, R. T. Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. Curitiba: **Rev. Diálogo Educ.**, v. 9, n. 28, p. 467-480, set./dez. 2009. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v09n28/v09n28a05.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

FLICK; U. W. E. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 405 p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000100008>. Acesso em: 16 nov. 2022.

GRANDIN, L. A. **As representações sociais no processo de formação docente em serviço: um estudo com memoriais de formação**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000438566>. Acesso em: 23 set. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUARESCHI, P. A.; JOCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P. A.; JOCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACIEL, M. A. **Representações sociais de violência na escola: um diálogo com alunos e professores da Paraíba**. Dissertação (mestre em psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16059>. Acesso em: 20 out. 2022.

MAIA, L. S. L. **O que há de concreto no ensino de matemática?** Campinas: Revista ZETETIKÉ, v. 9, n. 15/16, jan./dez. 2001.

MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicados à educação. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender**, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: **LP&A**, 2000.

MINAYO, M. C. S. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: **Vozes**, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/423414392/MINAYO-M-C-de-S-O-Conceito-de-Representacoes-Sociais-Dentro-Da-Sociologia-c-0JOVCHELOVITCH-S-Textos-Em-Representacoes-Sociais-Petropolis-RJ>. Acesso em: 18 ago. 2022.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: **Zahar**, 1978. 291p. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.14i61.1958>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, J. P. **Representação social da violência na escola**. 2002. Dissertação (mestrado em psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1927/1/Juliana%20Prudente%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento do cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. (5ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Este instrumento faz parte da pesquisa “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: diálogos com professores e alunos em uma escola de Grajaú – MA” do Curso de Ciências Humanas / Geografia, da Universidade Federal do Maranhão, que tem como objetivo central identificar e sistematizar as Representações Sociais da violência em uma escola do ensino médio no município de Grajaú, Maranhão. Nesse sentido, solicitamos que dedique alguns minutos para respondê-lo, especialmente, nas questões que exigem explicações e justificativas, pois são imprescindíveis para a compreensão das respostas. Os dados serão tratados com a impessoalidade devida, bem como serão utilizados apenas para os fins dessa investigação.

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Gênero : () Feminino () Masculino () Outro
2. Faixa etária: () abaixo de 18 anos () 18 a 35 anos () acima de 35 anos
3. Escolaridade: Ensino Fundamental() Ensino médio() Ensino superior()
4. Professor (a): () Estudante: ()

QUESTÕES ESPECÍFICAS

1. Você sabe o que é violência escolar?
() SIM () NÃO

2. Você já presenciou alguma situação de violência nessa escola?
() SIM () NÃO

3. Se você marcou “sim” na questão acima, descreva que tipo de violência na escola você já presenciou.

4. A partir da teoria de que a violência na escola é um fenômeno estrutural da sociedade e que se expressa na escola, você consegue visualizar esse fenômeno nessa escola, seja ela simbólica, verbal, física, etc.?
() SIM () NÃO

5. Você acredita que a violência escolar existe pelo fato de a escola ser o espaço onde as diferenças se encontram? Justifique.

6. Você acredita que as diferenças de valores, educação familiar, religião e cultura, façam da escola um local permanente de potenciais conflitos? Justifique.

7. Quais sugestões você proporia para amenizar / evitar as ocorrências de violência dentro da escola?
